

# SADE MISSIVISTA

*Sade the Missive Writer*

Gabriel Giannattasio<sup>1</sup>

## Resumo

O leitor poderá encontrar neste texto a tradução de uma das mais importantes e, ao mesmo tempo, mais longa carta produzida pelo Marquês de Sade e intitulada '*minha grande correspondência*'. Pela primeira vez publicada na sua íntegra no Brasil, ela se faz acompanhar de um ensaio que indica a importância das missivas sadeanas no processo de produção das idéias e da obra que consagrou o 'divino marquês'. As cartas privadas ocupam em Sade um lugar de destaque. Elas são ao mesmo tempo o lugar de gestação da multiplicidade de personagens que a lenda Sade abriga e, contemporaneamente, o espaço de sua comunicação com o mundo – o que significa dizer da defesa de seus atos e de seu pensamento. É isto o que a missiva sadeana aqui traduzida quer indicar.

**Palavras-chave:** Sade missivista; Experimentação de si; Biografia; História dos costumes.

## Abstract

The reader will be able to find in this text the translation of one of the most important, and at the same time, the longest letter written by the Marquis of Sade, entitled '*Grande Lettre*'. For the first time published in its full version in Brazil, it comes with an essay that shows the importance of Sade's missives in the process of production of ideas, as well as the work which recognized the 'divine Marquis'. Sade gives prominence to the private letters. They are, at the same time, the elaboration place of the multiplicity of characters that the legend Sade houses, and contemporaneously, the space of his communication with the world – both related to the defense of his acts and his thought. That is what Sade's correspondence, which is translated here, intends to show.

**Keywords:** Sade; The missive writer; Self-Experimentation; Biography; History of custom

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia. Professor da Universidade Estadual de Londrina. Rua Otavio Cesário Pereira, 642 Londrina-PR – CEP: 86.045-020 - E-mail: g.giannattasio@uol.com.br

## *Sade missivista*<sup>2</sup>

O que o leitor brasileiro conhece deste escritor que tendo se tornado – sem o saber – criador de uma patologia sexual chamada sadismo acabou por entrar para a história pela porta dos fundos? Pois bem, sabemos ser ele o autor da inconcebível *As 120 jornadas de Sodoma*, responsável pela corrupção filosófica da jovem Eugénie na *A filosofia na alcova*. Mas, sabemos mais, sabemos que não satisfeito em experimentar uma existência literária, fez de sua vida e de seu corpo um laboratório de seu pensamento. Conhecemos ou já ouvimos falar de pelo menos uma grande obra literária de Sade. Então..., o que as cartas de Sade podem revelar ao leitor que ele ainda não saiba?

Em primeiro lugar os bastidores do pensamento, a ante-sala, a usina experimental e produtora do homem Sade. Explico. É, fundamentalmente, pelas cartas que Sade se comunica com o universo que o cerca e este exercício de comunicação é, antes de tudo, um exercício de experimentação, um pensar e um pôr à prova o que se pensa. Na verdade este processo ocorre com todos nós cotidianamente. Com frequência uma pessoa tenta encontrar uma idéia, busca dar a ela uma forma, extraíndo-a das ainda nebulosas percepções, tenta oferecer clareza ao pensamento para melhor apresentá-lo aos demais. Entretanto, se nós fazemos isto em todos os nossos exercícios de comunicação, Sade – neste período de sua vida – o faz por meio de suas correspondências. Elas são, pois, sua usina de produção e experimentação, seu vir a ser, seu diário de constituição.

Em segundo lugar, encontramos nas cartas de Sade uma combinação de fúria e delicadeza, revolta e sensibilidade, o que levou um de seus interlocutores a anunciar: ‘ele escreve como um anjo’, mas também conhecemos o que nos disse certa vez um poeta ‘todo anjo é terrível’. Certamente, muitas de suas cartas nos autorizam a afirmar, como já o fez Jean Paulhan, que Sade é Justine, o que significa dizer, Sade se considera um infeliz, um sofrido que padece pelas mãos de sua sogra. Mas, olhos abertos e atenção caro leitor, não se esqueça que o teatro sempre foi a grande paixão sadeana. Mais do que nunca é um ator que aqui vemos em cena. Entretanto, o teatro para Sade não é um programa de

---

<sup>2</sup> Este texto é inédito e parte integrante de minha pesquisa de pós-doutorado. O trabalho completo aguarda publicação pela editora Iluminuras.

entretenimento no qual sacrificamos nossos finais de semana, ao contrário, o teatro é, para ele, o universo no qual arriscamos as nossas existências.

Estes elementos agregam-se a outros para darem o ponto de partida à filosofia sadeana. Afinal, os homens filosofam para se produzirem, para tornar-se o que são ou o que gostariam de ser, para se fazerem, infelizmente ricos ou prosperamente pobres.

As cartas referentes ao período de seu último encarceramento em Vincennes (1777-1784) são sem dúvida alguma – e todos os principais biógrafos de Sade estão de acordo a este respeito – as mais ricas, não só do ponto de vista quantitativo, mas qualitativo. Falando em outros termos, sua correspondência – no período de sua prisão na Bastilha (1784-1789) – além de perder muitos de seus interlocutores, se torna, também, burocrática e voltada para os problemas financeiros. Nota-se aí um deslocamento dos canais privilegiados para a expressão da maneira muito particular de pensar do marquês, de sua potência literária, de sua imaginação. Não que ele tenha deixado de escrever, muito pelo contrário, trata-se antes de uma transformação dos meios de expressão: Sade inaugura um período privilegiado de sua produção filosófico-literária empregando uma pluralidade de gêneros. Agora, ainda quando escreve cartas, escreve um romance epistolar: *Aline e Valcour*.

### *Sade e seu mais longo internamento*

Conduzido à prisão de Vincennes<sup>3</sup> em 1777, Sade inicia seu longo internamento. Excetuando raras e irregulares visitas de sua esposa

---

<sup>3</sup> O castelo de Vincennes tem uma longa história que remonta ao século XII quando, o que hoje conhecemos como castelo, era tão somente um pavilhão ao redor do qual havia um vasto território destinado à caça. A construção do castelo circundado pela floresta de Vincennes possibilitou a utilização do espaço como residência real. A presença de prisioneiros no interior de Vincennes data do final da Idade Média e está associada à imagem do rei como arauto da justiça. A Vincennes são conduzidos os prisioneiros dotados de um estatuto especial: nobres que caíam em desgraça, presos políticos e a partir de 1718 os detidos sob o efeito das chamadas 'lettres de cachet' – exatamente o caso do marquês de Sade, de Honoré Gabriel de Mirabeau e de Jean-Henry Latude. Em 1784 o castelo de Vincennes perde seu estatuto de prisão, obrigando a transferência de Sade para a Bastilha. Se esta última foi destruída pela multidão enfurecida durante a revolução francesa, o castelo de Vincennes pode, ainda hoje, ser visitado (CHAPELOT; CABILLIC, 1998).

– autorizadas ou proibidas segundo o ‘comportamento’ do prisioneiro – as correspondências se constituem no mais privilegiado meio de comunicação do marquês com o mundo (BUFFAT, 1997).

Mas lembremos que todas as cartas escritas por Sade na prisão de Vincennes são submetidas a um controle severo. Elas são lidas por um comissário de polícia que na maioria das vezes as copia, eliminando as passagens que ele considera inaceitáveis. Sade e seus correspondentes mais próximos tentam driblar a censura, seja utilizando um tipo especial de tinta ‘l’encre sympathique’ – Sade chama-as de ‘cartas ao leite’ ou ‘cartas brancas’ – ou ainda, empregando uma linguagem codificada, alusões, expressões com duplo sentido, pseudônimos e códigos (BUFFAT, 1997, p. 8-9). Muitas vezes Sade utilizava uma espécie de suco de limão, obrigando o destinatário a esquentar o papel para que o texto se tornasse visível e, portanto, legível. Tal método provocou um processo de deterioração mais rápido destes documentos (MAGAZINE LITTERAIRE, 1976, n. 114, p. 26). Era quase sempre nas entrelinhas da ‘carta oficial’ que Sade escrevia com ‘l’encre sympathique’.

Poderíamos, generalizando, afirmar que a obra sadeana é constituída por dois campos literários – o ficcional e as correspondências – produzidos, em boa parte, a partir do mesmo universo ‘carceral’ – chamo de universo ‘carceral’ não somente o espaço físico da prisão, mas, um outro território humano que se constitui a partir de uma experiência paradoxal e que poderíamos traduzi-la como o confronto do **muito da vontade** diante do **pouco de realidade** (LE BRUN, 1986).

Para termos uma dimensão do estado de espírito do marquês quando de sua reclusão a Vincennes, seria necessário recuperar os precedentes de sua prisão. Em 1763, ou seja, aos vinte e três anos de idade e pela primeira vez, Sade passou quinze dias preso em Vincennes sob acusação de práticas libertinas e atos de blasfêmia. Novo encarceramento em 1768, desta vez, um pouco mais longo – quase oito meses – em decorrência da acusação de práticas sexuais violentas. O processo ficou conhecido como ‘caso Rose Keller ou segundo a ortografia da época Kailair’. Em 1772, novos problemas com a justiça devido à acusação de tentativa de envenenamento de quatro jovens de Marseille. Sade foge para a Itália e é condenado à morte, a revelia. Há uma execução simbólica da pena na cidade de Aix-en-Provence – cidade em que tramitou o processo – no dia 12 de setembro de 1772. Sade é recapturado, mas consegue ainda uma vez escapar. Sua sogra obtém

no ano de 1773 ordens do Rei para prendê-lo, tais práticas judiciais eram comuns no Antigo Regime e ficaram conhecidas como obtenção da prisão por meio das *lettre de cachet*<sup>4</sup>. Em 1775, novo processo a partir do caso das cinco jovens de Vienne e Lyon, dois anos depois Sade é preso em Paris e transferido para a fortaleza de Vincennes, onde permanecerá na cela de número 11, passará a ser assim, 'O Senhor 11'. Lá aguarda um novo julgamento do processo de Aix-en-Provence, que se realiza no ano de 1778. Neste, Sade livra-se das condenações anteriores, mas ao invés de ser posto em liberdade é reconduzido à prisão de Vincennes, pois, se ele livrou-se das penas da lei, não se livrou ainda da ordem de prisão emitida pelo Rei, a citada *lettre de cachet*. No caminho de sua recondução a Vincennes ele consegue ainda uma vez escapar, refugiando-se em seu castelo de La Coste. No dia 26 de agosto de 1778 é preso e transferido para a fortaleza de Vincennes, agora ele ocupará a cela de número 6, portanto, 'O Senhor 6', a partir de então. E 'O Senhor 6' não sabe os motivos pelos quais é mantido preso, acredita que as influências da família de sua esposa pesam decididamente sobre seu estado atual.

Ainda que alguns contemporâneos do marquês considerem paradisíacas as condições de seu aprisionamento – a cela que ele ocupa é vasta, prolongada por um corredor e uma saleta onde pôs sua cama. A mobília, ainda que não seja aquela de seus sonhos, foi escolhida pelo próprio Sade: tapeçarias, quadros, uma escultura e cortinas. Ele podia, na maior parte do tempo, ler e escrever, atividades que eram submetidas a um certo controle, mas não a um rigor absoluto. Sua comida não se resumia a alimentação ordinária e cotidiana da prisão, ele será bem servido e para tanto a família do marquês pagará uma pensão extraordinária. Ainda assim, Sade pode ser descrito, na fortaleza de Vincennes, como um cavalo selvagem num estábulo estreito. Por maiores que fossem os espaços, falta-lhe o ar, o arejamento do corpo, os exercícios físicos. Não era o quarto que o seduzia, pois, seguramente ele era horrível, mas a vista e o bom ar que se respirava.

Por isto as três mais altas celas de cada torre eram chamadas 'à vista', pois se podia entrever pelas janelas a belíssima paisagem cam-

---

<sup>4</sup> Instrumento judicial que concentrava maiores poderes nas mãos do monarca, pois, por meio das *lettre de cachet* se poderia obter a autorização do rei para que uma pessoa fosse capturada e presa sem observar a exigência de julgamento em tribunal.

peste e florestal que circundava a prisão de Vincennes à época. Mas, no caso singular de Sade, poderíamos dizer: dêem-lhe o universo habitado por homens cultivados, civilizados e, ainda assim, o espaço será claustrofóbico. Paradoxalmente o homem das máscaras detestava o teatro do ‘faz de conta’, o jogo calculado da cena, a segurança do ‘vídeo tape’, o espaço cênico da vida transformada em farsa! Um aristocrata verdadeiramente estranho ao seu ninho, avesso ao bom gosto e aos bons modos, mas também um declarado iluminista luciferino que nutria abertamente sua simpatia pelos prazeres da tirania.

Em algumas correspondências Sade se identifica sob a nova condição em que vive. Encarcerado à prisão de Vincennes, Sade escreve uma carta à senhorita de Rousset. Reclamando das condições a que está submetido – ao ser transferido da cela 11 para a 6 – preso a um espaço que deve dividir com ratos e camundongos, solicita permissão para ter um gato, pedido este que lhe é negado, pois segundo as normas da prisão, os presos não podem ter animais. Ao que responde o bem humorado marquês: “Mas estúpidos que sois! brada ele, se os animais são interditos, os ratos e camundongos deveriam sê-lo também!” (SADE apud LEVER, 1991, p. 333).

A prisão de Sade em Vincennes provoca ainda hoje polêmica entre seus biógrafos. Afinal, qual o verdadeiro motivo de seu confinamento? Sem ter sido submetido a um julgamento, sem uma pena de prisão determinada, Sade aguarda num permanente estado de revolta o dia de sua liberação (PAUVERT, 1989, V.II, p. 193).

Em uma famosa correspondência do marquês dirigida à sua esposa e datada do final de 1783, ou seja, após seis anos de encarceramento, Sade se declara preso por suas opiniões (PAUVERT, 1989, V.II, p. 236).

Espera, angustia-se pela demora, solta improperios contra todos, particularmente dirigidos à Senhora de Montreuil – sua sogra –, sente-se só, mas paradoxalmente, é neste estado de ‘non sense’ e de profunda solidão que ele revela, de uma forma toda particular, os mais terríveis contornos que constituem a condição humana.

Selecionei aqui um exemplar tirado do conjunto das cartas do marquês. Trata-se de uma famosa missiva – que ficou conhecida como – ‘*minha grande correspondência*’ – e na qual Sade apresenta sua defesa diante das acusações que pesavam sobre ele.

---

À Senhora de Sade.

*Minha grande carta*<sup>5</sup>  
[20 fevereiro 1781]

Na verdade, minha querida amiga, creio que tua intenção seria de me inocular o mesmo profundo respeito que tens pelas tuas pequenas divindades. E porque vais rastejar diante de toda essa seqüela, irás exigir que eu faça o mesmo! Que um \*\*\*, que um \*\*\*, que um \*\*\*, que um \*\*\*, que um \*\*\* e \*\*\* fossem deuses para mim como o são para ti! Se infelizmente colocaste esta idéia na cabeça, afasta-a, peço-te encarecidamente. A infelicidade nunca me aviltará:

Mesmo posto a ferros, não adotei o coração de um escravo. [Les Arsacides<sup>6</sup>]

E nunca neles vou prendê-lo. Mesmo que, ferros infelizes, mesmo que tenham de me conduzir ao túmulo, tu sempre irás encontrar-me igual. Tive a infelicidade de receber do céu uma alma firme que nunca soube se dobrar e que nunca se dobrará. Não tenho nenhum receio de irritar quem quer que seja. Tu me mostras provas demais de que meu tempo está determinado para que eu possa duvidar: conseqüentemente, não depende de ninguém aumentá-lo ou diminuí-lo. Aliás, em caso contrário, nunca será de toda essa gente que irei depender: seria do rei, e eis o único ser em todo reino que eu respeito – ele e os príncipes do seu sangue. Abaixo deles, vejo tudo tão fortemente mesquinho, tudo tão prodigiosamente igual, que o melhor, circunstancialmente, é evitar examinar, pois tal – estando a superioridade do meu lado – só produziria outras sensações profundamente desprezíveis.

Tu deves entender que é impensável querer me tratar como tem sido feito e exigir ainda que eu não me lastime; pois raciocinemos por um momento: quando uma detenção deve ser tão longa quanto a minha, não seria uma verdadeira infâmia querer aumentar-lhe o horror com tudo que agradou a sua mãe de inventar para me atormentar aqui?

---

<sup>5</sup> Texto original extraído da obra de SADE 'Correspondance' in: **Oeuvres Complètes du Marquis de Sade**. T. XI, Paris: Cercle du Livre Précieux, 1967.

<sup>6</sup> *Je n'ai point dans les fers pris le coeur d'un esclave*. [Les Arsacides]

O quê! Não basta estar privado de tudo que torna a vida mais doce e agradável, não basta não poder nem respirar o ar do céu, assistir perpetuamente seus desejos serem esmagados contra quatro muralhas e viver dias iguais aos que nos esperam quando estivermos dentro do túmulo? Este suplício horrível não basta, segundo esta criatura pavorosa: é preciso ainda agravá-lo de tudo que ela imagina poder ser feito para duplicar todo o horror. Mas tu tens que reconhecer que só existe um monstro capaz de levar a vingança até esse ponto... *Mas é da tua imaginação, tu me dirás; isso não é feito; são quimeras que inventamos quando se está na tua situação.* Quimeras? Muito bem! Vou citar, do interior de meu caderno de reflexões onde jazem hoje 56 provas que confirmam minha perseguição, somente uma e veremos se não é raiva envenenada que ditou todas as manobras levadas a cabo por esta odiosa megera e se isto pode ser chamado de quimera.

Não se pode ignorar nem mesmo por um instante que um prisioneiro, por maiores que sejam as razões que o levam a acreditar numa detenção muito prolongada, não se agarre com uma incrível avidez às mais leves suspeitas que lhe pareçam favorecer uma opinião contrária: é a história da natureza, isso não é um erro; assim não é preciso punir, é preciso ter pena.

É, pois, uma manifesta crueldade fomentar, gerar, dar seqüência a processos que o jogam em pleno erro. Deveria ter-se a maior atenção para fazer o contrário e o humanismo (se ele aqui existisse) deveria a cada momento tentar não irritar o sentimento mais intenso dos infelizes; pois se sabe que o suicídio sempre foi conseqüência de uma esperança frustrada. Não se deve, portanto, favorecer a esperança quando ela não existir, e quem assim procede, é decididamente um monstro. A esperança é a parte mais sensível da alma de um infeliz; quem a estimula para depois murchá-la imita os algozes do inferno que, ao que parece, renovam eternamente ferida sobre ferida e agridem sempre a parte já machucada em vez da outra. No entanto eis o que tua mãe faz comigo há quatro anos: uma multiplicidade de esperanças de mês a mês. Compreendendo esta gente, examinando seus envios, suas cartas, etc., aqui estou sempre em vigília; e aí, quando chega a véspera, de repente uma boa punhalada e *un bon lazzi de longueur*<sup>7</sup>. Parece exato dizer que

---

<sup>7</sup> 'Lazzis de longueur e lazzis de court' significam zombar, escarnecer, rir-se, do tempo de duração que Sade deverá permanecer na prisão. Sade busca através de enigmáticos sinais estabelecer a data de sua liberação.



esta megera se diverte obrigando-me a construir castelos de carta, para ter o prazer de poder derrubá-los quando prontos. Independentemente dos perigos que existem em manipular assim a esperança, estimulando-a e frustrando-a, certamente para o resto da vida, existe, tu hás de convir, o perigo muito mais próximo do último excesso de desespero; e não tenho por que duvidar um único instante de que não é este o seu único objetivo e que não tendo conseguido mandar matar-me, deixando-me cinco anos na terrível situação onde eu estava antes da prisão, ela não tenha imaginado trabalhar talvez durante cinco outros anos uma maneira mais segura. Da multiplicidade de provas que possuo, dessa pequena brincadeira que ela tem comigo de levantar e derrubar, citarei a mais recente para bem convencê-la. Há mais ou menos seis meses tu me mandaste uma cortina para meu quarto; apesar de pedir muitas vezes para colocá-la, nunca é posta. Que devo concluir disso? *De que não vale a pena*. Eis a esperança içada; vamos deixá-lo assim até a época em que imaginarão ter eu construído um castelo e, chegada esta época, iremos colocá-la – e eis o castelo no chão. Tal é o divertimento da Sra. Presidente de Montreuil, eis sua doce ocupação há já quatro anos, auxiliada pelos seus satélites que ela paga para servir-lhe nestas gentilezas e que dela estão debochando (pelo menos é o que me assegurou Marais<sup>8</sup>, sem dúvida invejoso por não ter sido chamado) quando presenteados ou pagos. Eis 56 espécies dessas manobras bem somadas, sem contar o que está por me esperar; não que eu tenha 56 opiniões diferentes sobre a minha saída, Deus me livre! Teria passado minha vida a fazer cálculos e se não o fiz (tu tens provas de ocupações mais sérias), contudo, observei com cuidado e vi que é possível desta forma que, em vez do quarto castelo na Espanha onde estou e que sem dúvida, por mais longínquo que esteja, cairá como os três outros, que em vez de quatro, repito, ela tenha cooperado a fazer-me construir sem dúvida 56. Estou a me perguntar se este é o comportamento de uma mulher sábia, de uma mulher de espírito e de uma mulher que, bastassem os laços que a ela me unem, deveria suavizar meus tormentos em vez de aumentá-los! Mas ela está ofendida, você me contou. Primeiro, nego-o; ela só foi lesada porque assim o quis e é o seu mau gênio que ela deve repreender, de tudo que ela pode encarar como ofensa pessoal feita a ela. Mas suponhamos que ela esteja certa: deve vingar-se? Uma mulher tão pia, que parece externa-

<sup>8</sup> Inspetor de polícia encarregado pelo rei da França de observar e relatar as práticas e os costumes no universo boêmio da aristocracia.

mente cumprir tão bem toda a parte cerimonial de sua religião, deve desprezar o primeiro e o mais essencial de todos os dogmas? No entanto, concedamos a ela ainda a vingança, assim o quero: pois bem, uma tão longa prisão, uma prisão tão dura, não é vingança o bastante para ela? É necessário aumentá-la? *Oh! Não é nada disso, tu dizes; tudo isso é necessário; é o que nos faz vencer!* – Vencer! Pois bem, de boa fé, supondo que eu sáisse amanhã, ousaria dizer que eu venci, sem temer que eu a acusasse de uma furiosa insolência? Vencer! Colocar alguém na cadeia quatro ou cinco anos *por uma festinha de garotas* as quais acontecem mais de oitenta similares todos os dias em Paris! E vir lhe dizer que deveria estar feliz por pegar somente cinco anos de cadeia e que se ele foi perseguido, como o foi, todo este tempo foi para vencer! Não, abandono essa idéia, pois ela me revolta demais e estou certo de que tu nunca terás a insistência de apoiá-la.

Voltemos um instante sobre nossos passos e retomemos a palavra de *simples festinha de garotas*, pois vejo daqui assustar-se aqueles que não conseguem convencer-me de todas as calúnias que eles admitem contra mim. Todas as minhas aventuras se reduzem a três. Não falo da primeira: pertence totalmente a Sra. Presidente de Montreuil e se alguém deveria ser punido seria ela; mas não se pune na França aqueles que têm cem mil libras de renda e sob seus cuidados são colocadas *pequenas vítimas* que podem entregar à voracidade desses monstros que têm o ofício de viver do sangue das infelizes. Solicitam-lhes *pequenas vítimas*, eles as entregam e ficam quites. Eis por que estou na cadeia.

A segunda aventura é aquela de Marselha: acredito também não haver necessidade de falar nela. Foi bem constatado que só havia libertinagem e que tudo que se havia julgado conveniente inserir como criminoso para acalmar a vingança de meus inimigos da Provença e a rapacidade do chanceler que queria meu cargo para seu filho, não passava de pura invenção. Portanto, esse caso, creio estar bem resolvido pela detenção de Vincennes e pelo exílio de Marselha.

Passemos, portanto, à terceira. Peço-te desculpas de antemão pelos termos que terei de empregar; vou suavizá-los ao máximo colocando-os em abreviado. Aliás, entre marido e mulher pode-se, quando o caso assim o exige, se exprimir um pouco mais livremente do que com desconhecidos ou simples amigos. Peço-te também desculpas pela confissão, mas prefiro que tu me vejas como um libertino do que como um criminoso. Eis minha culpa desnuda e sem que eu oculte uma vírgula sequer.

Vendo-me obrigado a passar um tempo sozinho num castelo ermo, quase sempre sem ti, e tendo como pecadilho (é preciso confessar) amar um pouco demais as mulheres, entrei em contato em Lyon com uma m....<sup>9</sup> muito badalada e lhe disse: quero levar à minha casa três ou quatro criadas, quero-as jovens e bonitas; veja se as arruma assim para mim. Essa m..., chamada Nanon, pois ela era uma m... conhecida em Lyon – vou prová-lo quando necessário – promete e cumpre a promessa. Levo as garotas; sirvo-me delas. No fim de seis meses, alguns parentes vêm buscar as garotas, assegurando que são suas filhas. Devolvo-as; e eis contra mim um processo de seqüestro e estupro! Mas eis aí a maior de todas as injustiças. Existe uma regra para isso, vou contá-la e foi-me dada pelo Sr. Sartine; ele teve a gentileza de explicá-la para mim, há algum tempo, e disto poderá lembrar-se: é expressamente proibido na França que uma m... forneça garotas virgens, e se a garota é virgem e reclamar, não é o cliente que é perseguido, é a m... que é punida rigorosamente no ato. Mesmo que o cliente tenha solicitado tal garota, não é punido: ele faz o que todo homem faz. É, ainda uma vez, a m... que lhe forneceu a garota e que sabe muito bem que tal lhe é expressamente proibido. Portanto, nesta primeira acusação feita contra mim, em Lyon, de seqüestro e estupro, não havia nada de legal; não sou culpado de nada; era a m... que me tinha servido que deveria ser punida e não eu. Mas não há nada a ganhar com a m... e os pais esperavam ganhar dinheiro comigo. Tudo bem. Já tinha tido outrora uma aventura em Arcueil,<sup>10</sup> na qual uma mulher, igualmente mentirosa e velhaca tinha, para ganhar dinheiro, espalhado em toda Paris que eu procedia a experiências e que o jardim da minha casa era um cemitério no qual enterrava cadáveres que tinham servido a elas. Essa opinião era vantajosa demais; ela servia muito bem à raiva dos meus inimigos para que não tenha sido colocada de todas as formas em tudo o que podia acontecer comigo. Conseqüentemente, no caso de Marselha, ainda era uma experiência que eu queria fazer e nela, sem dúvida, ainda era uma experiência com

---

<sup>9</sup> Sade refere-se ao trabalho de uma alcoviteira ou cafetina e é por pudor e respeito cerimonioso a sua mulher que ele usa o subterfúgio de designá-la por m....

<sup>10</sup> Sade se refere ao escândalo do domingo de páscoa, ocorrido em 04 de abril de 1768. Naquela data, Sade aborda uma mulher na rua e a conduz até sua casa em Arcueil. Rose Keller acusará o marquês de tê-la seviciado. Sob ameaça, foi amarrada, flagelada, e por sobre as feridas de seu corpo derramou-se cera quente. O nome de Sade ficará conhecido do público a partir do 'caso de Arcueil'.

garotas que não apareceriam mais. Mas se todas não reapareceram em Lyon, todas não foram perdidas para o mundo. Examinemos. Estas garotas de Lyon eram cinco, todo mundo sabe. Uma, assustada pela solidão que a prendia (não para fazer experiências nela, mas porque a decência assim me obrigava) fuge e vai parar na casa do meu tio. *Sabemos o que lhe aconteceu*. Uma ficou na minha casa a serviço e aí morreu de morte natural, à vista e ao conhecimento de toda a região, bem exposta no vilarejo e bem cuidada pelo diretor de saúde pública. *Eis sabida a sua sorte*. Duas voltaram ao convívio de sua família.

*Eis ainda sabida a sua sorte*. A quinta enfim, fazendo alarde de fugir como sua colega e de abrir a boca se a segurássemos mais na solidão e não tendo parentes que a solicitassem, foi entregue por mim a um agricultor de La Coste<sup>11</sup>, que eu nomearei quando necessário e que você conhece muito bem, e por ele encaminhada a um de seus parentes em Marselha, e como tenho todas as provas em mãos, confesso que terei grande prazer em mostrá-las no momento oportuno. Foi, portanto, ali conduzida, estabelecida, deixada e um bom certificado me foi entregue, deixado onde bem sei e que será mostrado também quando necessário. Soube depois que esta criatura abandonou aquela casa e tornou-se p.... Eis aí a existência dessas cinco garotas bem esclarecida de maneira que eu possa desafiar o mais hábil, ou melhor, o mais desonesto promotor, a provar o contrário.

Continuemos. Três outras garotas, com idade e estado em que seus pais não podem solicitá-las, moraram, antes ou depois, igualmente durante algumas semanas, no castelo de La Coste. Façamos sua história, e que isso seja uma ampla confissão, pois é minha intenção e quero, se for possível, destruir autenticamente até a mais leve suspeita de todos os horrores que podem ter sido inventados contra mim e que determinaram a Sra. de Montreuil tratar-me como me tem tratado: pela extrema facilidade que ela tem de tudo crer e pelas armas que isto fornecia à sua vingança.

A primeira destas três se chamava *Du Plan*; era uma dançarina da Comédia de Marselha. Ela morou publicamente e sem incógnito o

---

<sup>11</sup> No povoado de La Coste, situado entre as cidades de Avignon e Aix-en-Provence no sul da França, a família de Sade possuía um imponente castelo que dominava toda a vista do povoado. O castelo, em ruínas, existe até hoje e foi recentemente comprado pelo estilista Pierre Cardin. Caso o leitor tenha maiores interesses em torno deste importante registro que representa o castelo da família de Sade, pode consultar – entre outros – o trabalho de H. Fauville intitulado: **La Coste, Sade en Provence**.

castelo sob o título de governanta; ela o deixou também publicamente (à vista de todos). Um ano mais tarde a encontrei na Comédia de Bordeaux e ela ainda vivia num pequeno vilarejo de província que me foi nomeado quando de minha viagem a Aix. Portanto, nenhuma preocupação com ela. A segunda veio de Montpellier; chamava-se *Rosette*. Ela se escondeu quase dois meses no castelo. Aborrecendo-se depois disto, mostrou sinais de querer ir embora e combinamos juntos que ela escreveria a um homem de seu conhecimento em Montpellier, e que este homem, que era marceneiro de profissão, e, creio, seu hospedeiro na referida cidade, viria buscá-la ele próprio nos pés dos muros do castelo. A hora, o lugar, o dia, o encontro, tudo foi combinado. No dia marcado o homem chegou e a garota lhe foi entregue em mãos por mim, tendo a tal *Marie* (uma das garotas de Lyon que ficou ao meu serviço) levado seus pertences que foi também entregue ao tal homem, o qual, tendo trazido uma mula, se apoderou da garota e seus pertences, recebeu de minha parte seis *louis* de ouro que a garota pediu-me para lhe entregar – seu salário ao meu serviço – e se foram. Isto foi em junho de 1775. Em outubro de 1776, fui, como soube, passar quinze dias em Montpellier e de lá trouxe a terceira garota da qual já vou falar. A tal de Rosette morava muito certamente em Montpellier a partir de então e em tal lugar a vi, e a vi de todas as maneiras ou, melhor dizendo, em toda a extensão do termo e foi ela que dispôs desta terceira, a tal de Adelaide, a vir e a fazer como ela já tinha feito, assegurando-lhe frente a duas ou três mulheres, as quais provavelmente não deixaram o país no momento em que estarei em condições de testemunhar, assegurando-lhe, digo, que ela só teria, a exceção da solidão, coisas boas a falar dos meus procedimentos. Foi somente com a sua recomendação que a outra me foi entregue, pois não me conhecendo, certamente não teria vindo. Adelaide chega, portanto, e fica até o terceiro escândalo da Sra. de Montreuil, época em que o mensageiro de Courthézon a levou comprovadamente de volta. Eis ainda a sorte dessa terceira bem constatada. Duas ou três outras garotas, tanto como cozinheiras como ajudante de cozinha, entre as quais estavam as que nós trouxemos a Paris, tiveram oportunidade, em várias ocasiões, de morar no castelo de La Coste durante minha ausência, mas por tão pouco tempo e com tanta liberdade, vindo e indo da mesma forma, que acredito ser inútil falar delas. Dentre estas estava também uma sobrinha da tal m... Nanon da qual já falamos e que colocamos num convento. A Sra. de Montreuil a tirou de lá; sabe portanto o que aconteceu com ela.

Eis tudo. Eis a minha mais ampla confissão e tal qual a faria diante de Deus, se estivesse para morrer.

No entanto, o que tirar de tudo isso? Que o Sr. de Sade, o qual é acusado dos piores horrores já que está sendo mantido há tanto tempo na prisão, que tem tudo para ser temido e pela razão que ele vai revelar daqui a pouco e porque ele foi duas vezes caluniado por tudo o que podia a maligna calúnia do público, não é, no entanto, nem um pouco culpado *de testes, experiências, nem de assassinatos* nesta última história nem em todas as outras. Que o Sr. de Sade fez tudo o que o universo faz, que ele viu algumas garotas, ou já promíscuas ou fornecidas por uma m... e que daí em diante a sedução não é de sua conta e que portanto pune-se e faz-se sofrer o Sr. de Sade como se ele fosse culpado dos crimes mais hediondos.

Eis agora os crimes que lhe são imputados: 1º *As confissões da m... culpada*: mas as razões pessoais que ela tinha para se justificar não são fortes o bastante para dar a pensar que ela, enquanto pôde, incriminou aquele que ela pensou ser seu cúmplice? 2º *A acusação de que as garotas não estão vivas*: ponho minha cabeça a prêmio e perco-a sem saudade se for provado. 3º *Ossos humanos encontrados num jardim*: foram trazidos por uma das garotas, a tal de Du Plan; ela está bem viva, podem interrogá-la; foi feita a brincadeira, boa ou má (deixo a vocês a decisão) de usá-los para decorar um gabinete; foram autenticamente usados para esse fim e depositados nesse jardim quando a brincadeira, ou melhor, a monotonia, cessou. Que seja contado e confrontado o que foi encontrado com descrição oferecida pelo próprio punho da tal de Du Plan do número e da espécie que ela mesma trouxe de Marselha: veremos se será encontrado um só a mais. Todas estas verificações e confrontações são essenciais numa história como essa: no entanto, foram feitas, ao menos uma delas? Não! Realmente, não estávamos no encaço da verdade: era colocar-me na cadeia que procurávamos – e aqui estou eu. Mas talvez um dia eu consiga sair e, saindo, talvez me seja concedida justiça o bastante para imaginar que eu saberei me justificar e condenar por sua vez todos aqueles que me tratam assim; ou talvez, caso eu não o consiga por causa de suas fortunas ou de seus protetores, pelo menos, digo, eu consiga cobri-los publicamente de ignomínia, de vergonha e de confusão.

Vamos em frente; não quero deixar nada para trás. Que vamos acrescentar a todas essas provas? *A deposição de uma criança?* Mas essa

criança era um empregado: assim, como criança e como empregado, não pode ser acreditado. Aliás, outro interesse patente aqui: esta criança dependia de uma mãe interesseira e que acreditou que, obrigando-a a dizer mil horrores, ela iria assegurar-se uma boa renda; ela estava a par dos 100 *louis* de Arcueil. Mas, poderiam objetar, *como poderia saber que o testemunho dessa criança era contra ti? Portanto, ele viu e ele sabia, já que tu temes sua confissão.* É precisamente neste ponto onde queria chegar, e eis precisamente o nó onde se desenvolve toda a infâmia. Primeiro, quem haveria de temê-lo, sabendo que tinham vindo buscá-lo da mesma forma e por pessoas da mesma espécie que aqueles que fizeram aquele estardalhaço em Lyon? Eis um motivo para mim de temer que ele inventasse, copiando aqueles e com as mesmas intenções. Mas não é só isso e eis o que eu soube e o que me foi dito durante minha viagem na Provença, por alguém que parecia bastante informado para que se possa pensar que está inventando. Mas também acredito que esse segredo não durará eternamente. Se ele estiver morto, quando eu sair, não me sentirei mais obrigado e seu nome será citado; se ele estiver vivo, posso quase garantir de ficar desobrigado por ele de meu segredo, e tu saberás então quem é. Usarei suas próprias palavras, da forma como me foram pronunciadas para que elas sejam melhor sentidas: “Tu tens tudo a temer, disse-me ele, mesmo se tua história de Aix está encerrada. A criança que tinha em casa como secretário em 1775 foi, na saída do castelo, testemunhar junto com a sua mãe em certas casas, em Aix, a pedido do Sr. Procurador Geral, e aí, posso assegurar-lhe tão positivamente como se eu o tivesse ouvido, que fizeram a cabeça de um e do outro.

O Sr. Castillon temendo que, com o seu caso encerrado, tu atacasses teu primo, Sr. Mende, por este ter movido o processo iníquo de Marselha, pouco tranqüilo, no entanto, por tudo o que se dizia sobre o caso em Paris, não podendo adivinhar nem conhecer suas intenções e notando que o tal de Sr. Mende estaria perdido se o atacasse por difamação, ficou à vontade para se prevenir contra ti; e ditaram um rosário de horrores à mãe e à criança, foi-lhes entregue dinheiro e eles disseram e escreveram tudo que se pediu. Em seguida, Sr. Castillon, para se dar o ar de um homem que, bem longe de procurar encrencas, só pedia para temporizar, informou a Sra. Sua sogra, e, em conjunto, fizeram a mãe ir embora para Paris com a criança, tão bem pagos, tão cheios de esperança para o futuro e tão bem manipulados que é provável terem confirmado as mesmas coisas que lhes foram inculcadas em Aix, também em Paris.”

Eis o que me foi dito, *dou minha palavra de honra*, e dito por alguém que estava bem a par do assunto. Qualquer coisa que possa acontecer, protesto de obter dela a permissão para nomeá-lo algum dia e verão se estou mentindo.

Assim, tenho contra mim num caso tão essencial uma m... ao meu serviço, e uma criança, também ao meu serviço; uma m... que tem o maior interesse de se desculpar às minhas custas e uma criança arregimentada visivelmente por um dos meus maiores inimigos. E faço aqui uma simples reflexão, independentemente, te peço, de acreditar em todas as minhas assertivas: não recebeu provas, mais claras que o dia, que era muito bem sabido em Aix de como trabalhar para minha perda, quando fosse preciso? Já que tu tivestes provas mais claras que o dia, num primeiro caso naquela cidade, por que agora querer recusar-se àquelas que existem no segundo? Convirá que essa suposição é bem forte e bem ao meu favor. Dize-me, iria novamente num bosque onde já teriam cortado tua bolsa uma primeira vez? E se te cortassem pela segunda vez, não estarias autorizada a acreditar que seriam os mesmos ladrões? Esta reflexão me bastaria, se estivesse no lugar da Sra. De Montreuil, para recusar qualquer denúncia feita contra meu genro, vinda daquela cidade.

Prossigamos: sobra ainda alguma coisa e quero tudo resolver. Foram encontrados, ou puderam ser encontrados, na minha carteira três objetos contra mim. Expliquemos todos os três.

Um era uma receita para liberar uma mulher grávida que quisesse desfazer-se do seu fruto. É um erro da minha parte e uma imprudência, sem dúvida, ter recolhido tal coisa e eu o confesso. Certamente nunca fiz uso da mesma e não a guardei com o intuito de usá-la jamais. Tive oportunidade na minha vida de ver duas ou três mulheres ou garotas – não vou me explicar – que fortes razões obrigaram a esconder o resultado de sua má conduta com seu amante, levando-as a um tal crime. Confessaram-me e, ao mesmo tempo, confiaram os meios muito perigosos que gente da arte empregava com elas e onde me parece arriscavam suas vidas. Ouvindo falar na Itália deste método que foi encontrado na minha carteira e achando-o bastante suave e sem perigo, a curiosidade me fez copiá-lo. Acredito que aos olhos de todo homem razoável, não há nada de terrível nisso, e não há coroinha que não saiba que a sabina<sup>12</sup> tem o mesmo efeito.

---

<sup>12</sup> Espécie de arbusto do sul da Europa, tóxico, mas por vezes utilizado por suas propriedades medicinais e, particularmente, abortivas.



O segundo documento era a continuação de uma discussão com o pequeno doutor de Roma<sup>13</sup>. Ele pretendia que os Antigos envenenavam o ferro da maneira como me contou; e eu, sustentei o contrário, assegurando-lhe que acreditava ter lido em algum lugar um procedimento muito diferente. A polêmica nasceu a partir de algumas armas antigas envenenadas que vimos juntos no arsenal do Castelo Santo Ângelo. Como queria colocar uma palavra de dissertação a respeito disto na minha descrição de Roma, escrevi a sua opinião prometendo-lhe enviar a minha, tão logo a tivesse encontrado, e depois, na minha dissertação, decidiria qual o ponto de vista mais plausível. Efetivamente, encontrei essa opinião contrária à dele e isso num dos livros que tu me enviaste, o quarto volume da *História dos Celtas*. Era uma erva chamada *linveum* e, segundo Plínio e Aulu-Gelle, *ellebore*, na qual os antigos esfregavam os ferros que queriam envenenar. Eu teria, portanto, me decidido por esta opinião, combatendo aquela que me foi dada. E eis o objeto que foi encontrado a esse respeito. Existe ainda aqui um pecado venal?

Mas chegamos ao mais importante: *uma consulta completa, a respeito de matérias muito parecidas com aquelas de que foi acusado*. Sim, aí está uma prova terrível, mas pode-se dizer aqui que é a história da *messe de la pie*<sup>14</sup>; tu a conheces, sem dúvida? Pois bem, que esta história, a dos Calas<sup>15</sup>, e muitas outras parecidas vos ensinam, a vós que aprisionais com tanta facilidade, que nunca se deve julgar pelas aparências e punir as pessoas sem ouvi-las num país que se acredita – pelas suas leis e pelo seu governo – isento de humilhações inquisitivas; que

<sup>13</sup> Se trata de Giuseppe Iberti, um médico que Sade conheceu em Firenze em 1776 e a quem encarregou de fornecer-lhe alguns exemplos de luxuria e crueldade extraídos da história da Roma antiga e moderna. O Dr. Iberti pagou o encargo com alguns meses de detenção na prisão da inquisição.

<sup>14</sup> A ‘missa do pega’ era uma cerimônia religiosa do século XVIII em homenagem à memória de uma doméstica de Palaiseau, injustamente acusada de haver roubado um objeto de prata e condenada à morte. Descobriu-se posteriormente que a verdadeira ladra era uma gazza (pega). Deste episódio teve origem o libreto *Gazza ladra* de Rossini.

<sup>15</sup> Exemplo célebre de erro judiciário, no qual Jean Calas foi acusado de haver assassinado seu próprio filho para impedi-lo de renegar o protestantismo. Condenado ao suplício da roda, sua execução foi levada a termo em 10 de março de 1762. Voltaire saiu em defesa de sua memória, conseguindo sua reabilitação em 9 de março de 1765. Inspirando-se nestes casos de abuso do poder e intolerância, Voltaire escreveu *Tratado sobre a tolerância*.

não existe, em uma só palavra, um único cidadão que tu tenhas o direito de prender sem ouvi-lo ou que não tenha pelo menos, depois, o direito de vingar-se de qualquer maneira como meio de vos punir. Sim, não importa quem tu sejas, impregna-te bem dessa idéia e escutes o que eu tenho a dizer sobre esta peça tão importante. Esta peça é a confissão dos erros de um infeliz que, como eu, procurou asilo na Itália. Ele não pensava que voltaria; e me vendo determinado a cruzar os Alpes, me deu de sua mão uma consulta, me solicitando mostrá-la na França e enviando-lhe a resposta. Dei minha palavra. Dois dias depois, veio rogar-me devolver-lhe esse documento escrito de seu próprio punho, pois se tornara, dizia, uma prova contra ele; ele queria mandá-la transcrever, mas não encontrava ninguém, ali, que escrevesse o francês. Copiei tudo de minha própria mão, pensando somente no prazer em atendê-lo, não prevendo o destino desse documento. Eis ainda um fato *para o qual dou minha palavra de honra* e que fundamentarei com provas mais autênticas quando necessário.

Eis, portanto, todos os meus pretendidos pecados, eis por que os refuto e o provarei, *eu o juro*, com provas e meios de uma tal autenticidade que será absolutamente impossível recusar a sua evidência. Sou somente culpado de pura e simples libertinagem e tal como se pratica pela maioria dos homens, mais ou menos em razão de seu maior ou menor temperamento ou inclinações que podem ter recebido da natureza. Cada um tem seus defeitos; não vamos comparar: meus algozes talvez nem ganhem no paralelo.

Sim, confesso sou libertino; concebi tudo o que se pode conceber no gênero, mas certamente não fiz tudo o que concebi e não o farei jamais. Sou um libertino, mas não um *criminoso* nem um *assassino*, e já que me forcem a colocar minha apologia ao lado da minha justificativa, direi que talvez seja possível que aqueles que me condenam tão injustamente, como o sou, não estejam em condições de contrabalançar suas infâmias por boas ações tão verdadeiras quanto aquelas que posso contrapor aos meus erros. Sou um libertino, mas três famílias domiciliadas no seu bairro viveram cinco anos de minhas esmolas e as salvei dos últimos excessos da indigência. Sou um libertino, mas salvei um desertor da morte, abandonado por todo seu regimento e pelo seu coronel. Sou um libertino, mas em Evry, aos olhos de toda sua família e pondo minha vida em perigo, salvei uma criança que ia ser atropelada pelas rodas de uma charrete desgovernada e isso porque eu mesmo me joguei. Sou um

libertino, mas não comprometi a saúde de minha mulher. Não tive todas as outras opções da libertinagem tão fatais à sorte das crianças: não os arruinei pelo jogo ou por outras despesas que pudessem privá-los ou mesmo, algum dia, comprometer a sua herança? Administrei mal os meus bens, enquanto estiveram à minha disposição? Em uma palavra, anunciei na minha juventude um coração capaz dos horrores que hoje lhe supõem? Não amei sempre tudo aquilo que devia amar e tudo que devia me ser caro? Não amei o meu pai? (choro ainda por ele todos os dias), fui grosseiro com minha mãe? E não foi quando colhia os seus últimos suspiros e lhe assegurava a última marca de minha devoção, que a tua mãe me arrastou para esta horrível prisão onde me deixa fenecer há quatro anos? Em uma palavra, que me examinem desde minha mais tenra infância. Duas pessoas junto de ti podem testemunhar, *Amblet* e a Sra. *de Saint Germain*. Dali para minha juventude, que pode ter sido observada pelo marquês de Poyane, sob os olhos do qual eu a vivi, ou até a época em que me casei, que vejam, que consultem, que se informem se eu nunca dei provas da minha suposta ferocidade e se algumas más ações serviram de anúncio aos crimes que me atribuem: assim deve ser; tu sabes, o crime tem suas gradações. Como supor, portanto, que, de uma infância e de uma juventude tão inocentes, repentinamente, alcancei o ápice do horror refletido? Não, tu não acreditas nisso. E tu que me tiranizas tão cruelmente hoje, tu também não acreditas: tua vingança seduziu teu espírito, te entregaste a ela cegamente, mas teu coração conhece o meu, julga-o melhor, e bem sabes que é inocente. Terei o prazer de vê-la um dia convir, mas a confissão não comprará os meus tormentos, e terei sofrido mesmo assim... Em poucas palavras, quero ser limpo, e o serei, em qualquer época em que me façam sair daqui. Se sou um assassino, terei ficado pouco tempo, e se não sou, terei sido punido demais e estarei no direito de pedir reparação.

Eis uma longa carta, não é? Mas eu a estava devendo a mim mesmo e a tinha prometido no aniversário dos meus quatro anos de sofrimento. Expiraram. Ei-la; foi escrita como no leito de morte, a fim de que se a morte me surpreender sem que eu tenha o consolo de abraçá-la ainda uma vez, possa eu, expirando, encaminhá-la aos sentimentos expressos nesta carta, como os últimos que te enviará um coração desejoso de levar pelo menos tua estima ao túmulo. Perdoarás sua desordem; ela não foi nem arquitetada nem casual: nela deverás encontrar somente a natureza e a verdade. Apago alguns nomes mencionados no início a

fim de que possas recebê-la e peço encarecidamente para que te seja remetida. Não te peço para responder no detalhe, mas de me dizer simplesmente que recebeu *minha grande carta*: é dessa forma que a chamarei; sim, é assim mesmo que a chamarei. E quando remeter aos sentimentos que ela contém, então tu a lerás... Está ouvindo, minha cara amiga? Tu a lerás novamente e verás que aquele que a amou até o túmulo quis assiná-la com seu sangue.

*De Sade.*

*[bilhete anexo]*

Poucas vezes me acontece de escrever cartas tão extensas quanto esta, nem tão necessárias à minha justificativa; isso certamente não me acontecerá mais. Por conseguinte, peço àqueles pelas mãos dos quais ela passará de bem querer transmiti-la com exatidão à minha mulher. Espero que assim seja feito e que não queiram autorizar-me a pensar que retém cartas da importância dela, cartas, em uma palavra, onde me justifico; pois se as retivessem e impedissem seu curso, estamos entendidos que estarei bem autorizado a reclamar autenticamente um dia desse procedimento e a revelá-lo, mostrando o interesse bem evidente que tinham, sem dúvida, em minha detenção, já que se opunham aos meios que eu tinha para estabelecer uma justificativa visando abreviá-la.

*Referências*

CHAPELOT, J.; CABILLIC, I. **Le château de Vincennes**. Rennes: Ouest-France, 1998.

FAUVILLE, Henri. **La Coste**: Sade en Provence. Aix-en-Provence: Édisud, 1984.

GIANNATTASIO, Gabriel. **Sade**: um anjo negro da modernidade. São Paulo, SP: Imaginário, 2000.

LABORDE, Alice M. Introduction générale aux correspondances du marquis de Sade et de ses proches. In: **CORRESPONDANCES du marquis de Sade et de ses proches enrichies de documents notes et commentaires**. Genève: Champion-Slatkine, 1991. v. 1.

LE BRUN, Annie. **Soudain un bloc d'abîme, Sade**. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1986.

LELY, Gilbert. **Vie du Marquis de Sade**: Tomo I e II. Paris: Gallimard, 1967.

\_\_\_\_\_. **Observations sur les étuis et flacons employés d'étrange sorte par le marquis de Sade: et qu'il a désignés sous le nom le "prestiges"** Montpellier:FataMorgana, 1976.

LEVER, Maurice. Donatien Alphonse François, marquis de Sade. France: Fayard, 1995.

MORAES, Eliane R. A cifra e o corpo: as cartas de prisão do marquês de Sade. In: **Prezado senhor, prezada senhora**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

PAUVERT, Jean-Jacques. **Sade Vivant**. Paris: Robert Laffond, 1986.

\_\_\_\_\_. **Sade Vivant**. 2. ed. Paris: Robert Laffond, 1989.

\_\_\_\_\_. **Sade Vivant**. 3. ed. Paris: Robert Laffond, 1990.

SADE. **Ciranda dos libertinos**. Tradução de Contador Borges, L. Augusto. São Paulo, SP: Max Limonad, 1988.

SADE. Correspondance. In: **OEUVRES complètes du Marquis de Sade**. Paris: Cercle du Livre Précieux, 1967. Tomo XI.

SADE. **Oeuvres complètes du Marquis de Sade**. Paris: Pauvert, 1986/1992. Tomo I-XV.

SADE. **Opere Complete**. Roma: Newton Compton, 1993. Tomo I-X.

SADE. **Lettres et mélanges littéraires écrits à Vincennes et à la Bastille**. Paris: Borderie, 1980. 3 Tomes.

SADE. **Lettere da Vincennes e dalla Bastiglia**. Introduzione e note di Luigi Baccolo. Milano: Mondadori, 1996.

SADE, D.A.F. **Lettres à sa femme**.Org. Marc Buffat. Arles:Actes Sud, 1997

SADE, Xavier. 'Sade et sa famille'. In: **Magazine Littéraire**, Paris, n. 114, p. 18, juin. 1976.

VOLTAIRE. **Tratado sobre a tolerância**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1993

### *Agradecimentos*

Não poderia deixar de agradecer a contribuição decisiva de amigos e instituições. Ela veio sob a forma de concessão de licença que obtive da Universidade Estadual de Londrina – da qual sou docente –, do apoio espiritual e logístico que recebi de minha família – e aqui não posso deixar de agradecer em particular aos meus tios Adolfo e Carmelina Giannattasio –, do Departamento de História da Universidade de Aix-en-Provence na França que acolheu minha proposta de pesquisa, aos funcionários da Biblioteca da Sorbonne e da Biblioteca Nacional da França, ao grupo de pesquisadores do NERO, amigos e professores que incentivaram a realização deste trabalho e foram interlocutores privilegiados no processo de sua elaboração.

Recebido em/Received in: 27/08/2006  
Aprovado em/Approved in: 10/09/2006